

V Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas



LUSOCONF 2023

LIVRO DE ATAS **Proceedings**

Editores:

Carla Sofia Araújo
Ana Paula Monte
Paula Odete Fernandes
João Sérgio Sousa
Vitor Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança
julho de 2024

Ficha Técnica

Título

LUSOCONF2023

V Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas

Editores

Carla Sofia Araújo

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Ana Paula Monte

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Paula Odete Fernandes

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

João Sérgio Sousa

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Vitor Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Capa

António Meireles e Vitor Gonçalves

Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Suporte técnico

Clarisse Pais, Serviços de Documentação e Bibliotecas, Instituto Politécnico de Bragança, Portugal

Edição

Instituto Politécnico de Bragança

Campus de Santa Apolónia

5300-253 Bragança

Portugal

Data de edição: julho de 2024

ISBN: 978-972-745-328-3

DOI: 10.34620/978-972-745-328-3

Handle: <http://hdl.handle.net/10198/25534>

URL: www.lusoconf.ipb.pt

Email: lusoconf@ipb.pt

Índice

Comissão Científica	iii
Comissão Organizadora	vi
Programa Geral do LUSOCONF2023	viii
Organizadores, Patrocinadores e Colaboração	x
Nota de apresentação do LUSOCONF2023 e Mensagem do Diretor da ESE-IPB	xi
Artigos	1
A01 Um estudo de painel sobre a palatalização de /t/ e /d/: o papel das variáveis linguísticas	2
A panel study on the palatalization of /t/ and /d/: the role of the linguistic variables	
A02 Satisfação dos clientes e performance organizacional: estudo de caso numa empresa de consultadoria	13
Customer satisfaction and organisational performance: a case study in a consulting company	
A03 Importância do outsourcing no cumprimento das obrigações de relato em Juntas de Freguesia	31
Importance of outsourcing to comply with reporting obligations in Civil Parish: exploratory case study	
A04 Viagem a Portugal de José Saramago: costumes, arte, culinária e histórias	44
José Saramago's Viagem a Portugal: customs, art, cuisine and histories	
A05 Os Simples de Guerra Junqueiro: uma expressão do país religioso nos finais do século XIX?	52
Os Simples by Guerra Junqueiro: an expression of the religious country at the end of the 19th century?	
A06 Raul Bopp: um estilo de vida e escrita antropofágica	59
Raul Bopp: an anthropophagic lifestyle and writing	
A07 Caracterização das crianças talibé bissau-guineenses identificadas e reintegradas no ano 2022	68
Characterization of Bissau-Guinean talibé children identified and reintegrated in the year 2022	
A08 Avaliar competências linguísticas e consciência crítica intercultural no curso de PLE	78
Assessing language and critical intercultural awareness in the PFL course	
A09 Hospitalidade turística enquanto serviço versus a mesa de Emaús: percepções e representações	86
Tourist hospitality as a service versus the Emmaus table: perceptions and representations	
A10 Pedacos de poesia e prosa: quando a cooperação se faz significante	96
Pedacos de poesia e prosa: when cooperation becomes significant	
A11 Friso mútuo: um projeto de criação artística multidisciplinar	103
Friso mútuo: a multidisciplinary artistic creation project	
A12 As políticas públicas de património cultural em museus no Brasil	109
Public policies for cultural heritage in museums in Brazil	
A13 Tecnologias digitais e Alzheimer na perspetiva dos cuidadores formais	115
Digital technologies and Alzheimer's from the perspective of formal caregivers	
A14 A formação de professores de educação musical em Moçambique: algumas reflexões	123
Mozambique music education teacher training: some reflection	
A15 A importância de um plano estratégico no sucesso de uma organização	130
The importance of a strategic plan in the success of an organisation	
A16 O denominado "portunhol" da fronteira uruguaio-brasileira, uma variedade linguística (quase)	141
The so-called "portunhol" of the Uruguayan-Brazilian border, a linguistic variety (almost) ...	
A17 Falar para aprender: ditado cooperativo e aprendizagem da ortografia	152
Talk to learn: cooperative dictation and orthography learning	
A18 Trabalhar a temática dos refugiados com base na literatura	175
Approaching the theme of refugees based on the literature	
A19 "Frio" de João António: o abandono social como consequência da Colonialidade	183
"Frio" by João António: social abandonment as a consequence of Coloniality	
A20 Os elementos semióticos e a sua produtividade na narrativa vergiliana	190
The semiotics elements and their productivity in vergil's narrative	
A21 Plano de negócios para um Alojamento Local na região transmontana: criação da empresa RTT	198
Business plan for a Local Accommodation in the Transmontana Region: creation of the company RTT	
A22 Plano de negócios para a venda de chá online	207
Business plan for selling tea online	
A23 Plano de Negócio para empresa de tradução e interpretação na Guiné-Bissau	216
Business Plan for a translation and interpretation company in Guinea Bissau	
A24 Cultivar a empatia com o livro-álbum contemporâneo	225
Cultivating empathy with the contemporary picturebook	
A25 Estratégias de cortesia na produção de pedidos em português europeu	232
Politeness strategies of requests in European Portuguese	
A26 O texto literário ao serviço do ensino do Português em contextos multilingues	243
Literary text at the service of Portuguese teaching in multilingual contexts	
A27 Estudo prospectivo sobre economia circular na ótica da academia portuguesa	258
Prospective study on circular economy from the perspective of the portuguese academia	
A28 Análise comparativa de política de gestão de resíduos urbanos: o caso do Brasil e Portugal	266
Comparative analysis of municipal waste management policy: the case of Brazil and Portugal	
A29 Os desafios económicos de S. Tomé e Príncipe na 1ª república portuguesa	276
The economic challenges of Sao Tome and Principe in the 1st Portuguese Republic	
A30 O cinema como estratégia na educação antirracista - estudo de caso português	285
Cinema as a strategy in anti-racist education - a Portuguese case study	
A31 A nossa antropofagia	291
Our anthropophagy	
A32 Wordle em Português: torna o português acessível para estudantes de língua estrangeira	300
Wordle in Portuguese: making Portuguese accessible for foreign language learners	
A33 Proteção de Dados Pessoais: investigação no mestrado em Educação Profissional e Tecnológica	307
Personal Data Protection: research in the master's degree in Professional and Technological Education	
A34 Acesso ao crédito bancário por parte das PME em Cabo Verde	316
Access to bank credit by SMEs in Cape Verde	
A35 Literatura infantil cabo-verdiana: memória em a cruz do Rufino de Fátima Bettencourt	332
Cape Verdean children's literature: memory in a cruz do Rufino by Fátima Bettencourt	
A36 Estudo lexical da poesia de Eugénio de Andrade	339
Lexical study of the poetry of Eugénio de Andrade	

- efeito Mateus. In A. Naschold, A. Pereira, R. Guaresi, & V. Pereira (Orgs.). *Aprendizado da leitura e da escrita: A Ciência em interfaces* (pp. 331–346). Edufrn.
- Niza, S. (2004). A acção de diferenciação pedagógica no currículo. *Escola Moderna*, 21, 5.
- Niza, S. (1996). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. In Formosinho, Júlia. (Org.). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- Niza, S. (2012). A organização social do trabalho da aprendizagem no 1.º ciclo do ensino básico. In A. Nóvoa, F. Marcelino, & J. Ramos do Ó (Orgs.), *Sérgio Niza. Escritos sobre Educação*. Tinta da China.
- Nobre, A. (2017). Principios teórico-metodológicos de design-based research en la investigación educativa basada en recursos educativos abiertos. *Revista San Gregorio*, 16, 128–141. Repositório Aberto da Universidade Aberta.
- Scliar-Cabral, L. (2022). O aprendizado inicial da leitura e da escrita. In Pereira, V., Scherer, A-P., Gabriel, R. e Guaresi, R. (eds). *Ensino e aprendizado da leitura e da escrita: contribuições interdisciplinares* (pp. 57-81). Vitória da Conquista: Fonema e Grafema editora.
- Serralha, F. (2009). Caracterização do Movimento da Escola Moderna. *Escola Moderna*, 35, 5–51.
- Sewell A (2011). Developing dialogue in the classroom: a cultural tool for learning together. *Classroom Discourse*, 2 (2): 268–81.
- Sousa, O. (2014). O ditado como estratégia de aprendizagem. *Revista Científica Exedra*, 9, 116–127.
- Sousa, O. (2015). *Textos e contextos: Leitura, escrita e cultura letrada*. Media XX.
- Sousa, O. Silva, A. & Costa-Pereira, T. (2022). Ensinar a ler e a escrever: uma abordagem equilibrada. In Pereira, V.; Scherer, A-P., Gabriel, R. e Guaresi, R. (Eds). *Ensino e aprendizado da leitura e da escrita: contribuições interdisciplinares* (123-155). Vitória da Conquista: Fonema e Grafema Editora.
- Sucena, A.(2017), Sensibilidade precoce às combinações ortográficas entre crianças falantes do português europeu, *Da Investigação às Práticas*, 7(3), 26-40.
- Teberosky A., Sepúlveda A., Sousa, O. (2020) Orality, Reading and Writing in Early Literacy. In: R. Alves, T. Limpo, M. Joshi. (Eds). *Reading-Writing Connections. Literacy Studies*. Perspectives from Cognitive Neurosciences, Linguistics, Psychology and Education, vol 19, pp. 85-105, Springer https://doi.org/10.1007/978-3-030-38811-9_6978-3-030-38810-2
- Vale, A. P., & Perpétua, R. (2020). Early Context-Conditioned Orthographic Knowledge in European Portuguese: The Spelling of the Schwa. *Frontiers in Education*, <https://doi.org/10.3389/educ.2020.513577>
- Vale, A., & Sousa, J. (2017). Tipo de erros e dificuldades na escrita de palavras de crianças portuguesas com dislexia, *Da Investigação às Práticas*, 7 (3), 61–83.
- Vale, A. P., & Sousa, O. (2022). A análise dos erros ortográficos como instrumento para compreender o desenvolvimento e apoiar o ensino da escrita. Em R. Almeida Sargiani (Ed.). *Como as crianças aprendem a ler e escrever e como ensiná-las eficazmente: Um guia teórico-prático baseado em evidências científica* (pp. 52–69). ArtMed/Penso.
- Vale, A. P. & Sousa, O. (2017). Conhecimento ortográfico e escrita. *Da Investigação às Práticas: Estudos Educacionais*, 7, 3-7.
- Vygotsky, L. (1984). *Formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. SP: Martins Fontes.
- Wells, Gordon (2015). Dialogic Learning: Talking our Way into Understanding. In Thalia Dragonas, Kenneth J. Gergen, Sheila McNamee, Eleftheria Tseliou (Eds). *Education as Social Construction Contributions to Theory, Research and Practice*, pp. 62-90 <http://www.taosinstitute.net/education-as-social-construction>
- Wegerif R. (2001). Applying a Dialogical Model of Reason in the Classroom. In Joiner, R, Faulkner, D Miell, D. and Littleton, K. (Eds). *Rethinking Collaborative Learning*, Free association Press.
- Wegerif, R. and Mercer, N. (2000). Language for Thinking. In Cowie, H., Aalsvoort, D., & Mercer, N. (Eds). *New Perspectives in Collaborative Learning*, Oxford: Elsevier.

Trabalhar a temática dos refugiados com base na literatura

Approaching the theme of refugees based on the literature

Carla Alexandra do Espírito Santo Guerreiro¹[0000-0002-8244-6238]

carlaguerreiro@ipb.pt

¹ Instituto Politécnico de Bragança/IELT-Universidade Nova de Lisboa

Alexia Dotras Bravo²[0000-0001-5851-765X]

carlaguerreiro@ipb.pt

² Instituto Politécnico de Bragança/Centro de Literatura Portuguesa-Universidade de Coimbra

Resumo. O artigo tem por objetivo essencial explorar a importância da literatura de potencial infantil na formação de leitores conscientes dos direitos humanos envolvidos em situações de refúgio e migração. O nosso estudo assenta em dois eixos principais: no primeiro, refletimos sobre algumas ações e projetos no âmbito nacional e internacional que visam o acolhimento das crianças refugiadas ou migrantes; no segundo, analisamos quatro obras literárias de publicação recente (duas publicações portuguesas e duas espanholas) que abordam as temáticas das migrações e do exílio, articuladas com a temática dos direitos humanos. O estudo baseia-se em investigadores, tais como: Chambers (2007); Dehoux & Durante, (2019); Colomer (2012); Fittipaldi (2012); Aínsa (2012) e Petit (2012; 2013; 2018) que mostram a potencialidade das narrativas literárias para favorecer situações de acolhimento. No estudo, evidenciamos como as narrativas literárias oferecem a possibilidade de imaginar outros mundos e permitem uma abertura à diferença, que inclui o respeito aos direitos à vida, à integridade física, à segurança e à liberdade.

Palavras-Chave: Direitos humanos, Migração, Refugiados, Literatura para a infância.

Abstract. This paper aims to explore the productivity of literature for childhood as a means to ensure full compliance with human rights in situations of refuge or migration. Two main axes are organized for the development of the study: the first consists of the analysis of projects and actions at the national and international level that aim to welcome refugee or migrant children; the second, consist in analyzing four recent literary works (two in portuguese and two in spanish that address the matters of migration and exile articulated with human rights). Our study was inspired by scholars as Chambers (2007); Dehoux & Durante, (2019); Colomer (2012); Colomer; Fittipaldi, (2012) and Petit (2012; 2013; 2018) as they affirm the potentiality of literary narratives to aid in situations of hosting. The study evidences show how literary narratives offer the possibility to imagine other worlds and to operate an opening to difference that includes the respect for the rights to life, physical integrity, safety and freedom.

Keywords: Human rights, Migration, Refugees, literature for childhood.

1 Introdução

A literatura sempre se interessou por outros mundos, outros espaços, outros costumes, outros sujeitos, sempre de forma a oferecer aos leitores outras vidas para serem vividas. Tanto na literatura geral, para adultos, quanto na literatura infantojuvenil, a sensibilidade de se posicionarmos no mundo do Outro, como se entende na Imagiologia Literária, é inerente ao labor literário. Até porque já não usamos da expressão literatura nacional, senão uma “língua portadora de literatura” (Guillén, 1998: 300), que extravassa os limites geográficos e geopolíticos. A literatura no sistema atual onde a globalização (ou o termo “derivadas da globalização” Dehoux & Durante, 2019) ou mundialização (Glissant, Gilles & Bertelli 2016) apresentam sentidos positivos ou negativos é sentida como uma “literatura mundial. Aínda em 2012 já utilizou conceitos potentes para se referir aos novos modelos de escritores e leitores no sistema literário atual, onde somos “nômadas”, “estrangeiros” e “errantes” e, portanto, desligados da marcada territorialização dos períodos prévios da história da literatura. No caso deste trabalho, a vertente atlântica do mesmo resulta fulcral. Dentro da literatura mundial, as letras atlânticas encontram-se entre dois mundos o europeu e a negritude, o realismo mágico e outros fatores do terceiro mundismo (Moura, 2019). Nesse sentido, vamos abordar os textos escolhidos com uma perspectiva vasta assente na lusofonia e na hispanofonia.

Mesmo sendo uma arte que ganha existência concreta no tempo – da leitura ou da audição das histórias, a literatura está estreitamente ligada ao espaço, como defende Petit (2012), ao cunhá-la com um novo epíteto: “La literatura, parte integrante del arte de habitar”. Esta autora aponta, entre outras, três dimensões em que a literatura se conecta ao espaço “Para que el espacio sea representable y habitable, para que podamos inscribirnos en él, tiene que contarnos historias, poseer todo un espesor simbólico, imaginario, legendario” (p. 266). Espaços sem histórias – familiares, comunitárias, escolares, literárias – seriam apenas parte de um mundo indiferenciado. Por outro lado – e esta dimensão da literatura é bem mais explorada – a leitura de obras literárias permite a construção de um mundo habitável e a possibilidade de nos deslocarmos para dentro dele. Para além de uma ligação puramente teórica, Petit conecta com sua experiência da escuta de memórias de leitura, observando:

“Cuando empecé a escuchar a personas que me contaban sus recuerdos de lectura, y entre ellas a muchos hijos de migrantes, me sorprendió la frecuencia con que asociaban estos recuerdos con metáforas espaciales y, de manera más precisa, con un espacio que literalmente les había dado un lugar.” (p. 268). Por último, a ensaísta regista que os elementos do objeto livro – neste caso concreto, o álbum – com as suas partes constitutivas: texto verbal, texto icónico, guardas e capa e contracapa, se conjugam para fazer da leitura uma experiência espacial. Tanto mediadores de leitura formais (educadores e professores), como informais (pais) conhecem bem o folhear e outras ações de exploração do objeto livro que as crianças geralmente empreendem, quando se deparam com novas obras.

Na esteira de Colomer (2012) somos da opinião que “La visión de la literatura como vehículo de comprensión cultural del propio mundo y de las culturas ajenas ha sido siempre un valor muy presente en la literatura infantil y juvenil (p. 19).

Estas reflexões iniciais sobre a estreita relação entre a espacialidade e a literatura, entre o Outro e o Eu, sobre a capacidade desta para oferecer novas experiências culturais ao leitor de desenraizamento e deslocamento, levam-nos ao foco central deste artigo. Nele abordaremos as relações entre a literatura infantil e os direitos humanos, centrando-nos principalmente nos direitos que dizem respeito a situações de refúgio e estendendo o âmbito da discussão aos direitos que estão envolvidos em situações de migração. O nosso objetivo é essencialmente explorar a fecundidade da literatura infantil – quando concretizada em obras que potenciem uma abertura de horizontes aos leitores, para a garantia de uma resposta plena aos direitos humanos envolvidos em situações de refúgio e migração.

2 Um breve esboço sobre direitos humanos, refugiados e migrantes

Todo o ser humano que seja vítima de perseguição tem o direito de procurar e receber proteção internacional noutra país – é o que declara o artigo 14 da Declaração Universal dos Direitos Humanos. A agenda política de elaboração de tal declaração, ainda na década de 40, revelava a preocupação com a situação dos refugiados e o dever de protegê-los no cenário pós Segunda Grande Guerra.

Passados mais de 80 anos da construção desse documento, a reflexão sobre a defesa dos direitos fundamentais e da dignidade da pessoa quando seu país de origem não foi capaz de garanti-los, permanece pertinente e atual na contemporaneidade. Desde logo é necessária uma distinção entre os termos “refugiados” e “migrantes”, que não são sinónimos e costumam ser confundidos, “o que acarreta problemas para ambas as populações” (ACNUR, 2015). Os refugiados, de acordo com a Agência da ONU para refugiados (ACNUR), “são pessoas que escaparam de conflitos armados ou perseguições. Com frequência, a sua situação é tão perigosa e intolerável que devem cruzar fronteiras internacionais para procurar segurança nos países mais próximos”. Por outro lado, os migrantes são as pessoas que “escolhem deslocar-se, não por causa de uma ameaça direta de perseguição ou morte, mas para melhorar a sua vida em busca de trabalho ou educação, por reunião familiar ou por outras razões” (ACNUR, 2015).

De acordo com a Plataforma de apoio aos refugiados, no final de 2019 existiam 79.5 milhões de deslocados forçados em todo o mundo, em resultado de perseguições, conflitos armados, violência, violações dos Direitos Humanos ou de sérias perturbações da ordem pública, sendo 26.0 milhões de refugiados. 20.4 milhões são refugiados sob o mandato do Alto Comissariado para os Refugiados das Nações Unidas, 5.6 milhões são deslocados internos e 4.2 milhões são requerentes de asilo.

Em Portugal o CPR (Conselho Português para os refugiados) é uma ONG que nasceu em 1991, com vários projetos em curso, financiados por entidades diversas, que visam o acolhimento e integração de refugiados, a promoção de políticas de asilo humanitárias e sustentáveis, a formação e a sensibilização para esta temática e para os direitos humanos em geral.

É o parceiro operacional do Alto Comissariado das Nações Unidas (ACNUR) para Portugal, mantendo um Protocolo de Cooperação, desde julho de 1993, que visa a proteção jurídica e social dos requerentes de asilo e dos refugiados. A partir de dezembro de 1998, data do encerramento do ACNUR em Portugal, o CPR passou a representar esta organização no nosso país.

O CPR celebrou igualmente protocolos com o governo português (Ministério da Administração Interna –MAI e Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social–MSESS) e desenvolve projetos nas áreas do acolhimento de requerentes de asilo e integração de refugiados.

Ao longo da sua história, o CPR tem apostado fortemente na formação de técnicos, advogados, estudantes, jornalistas, voluntários, entre outros públicos, com o objetivo de assegurar uma sociedade de acolhimento mais informada sobre a temática do Asilo e Refugiados.

Ao nível europeu o CPR é membro do European Council on Refugees and Exiles –ECRE (Conselho Europeu para os Refugiados e Exilados) e da European Legal Network on Asylum –ELENA (Rede Legal Europeia de Asilo) e da Rede Separated Children European Programme –SCEP (Rede Programa Europeia para as Crianças Separadas).

É membro da Comissão para a Igualdade e Contra a Discriminação Racial (CICDR) criada pela Lei n.º 134/99, de 28 de agosto, representando as associações de direitos humanos. O CPR no âmbito da Lei de Asilo 27/2008, de 30 de junho, com as alterações introduzidas pela Lei 26/2014, desempenha um papel fundamental na área do asilo e dos refugiados (ver www.cpr.pt/legislacao).

Por outro lado, em Espanha, país muito consciente e infelizmente protagonista de chegadas massivas de migrantes e refugiados por via marítima há décadas, criou-se a ONG Comisión Española de Ayuda al Refugiado (CEAR) em 1979, tendo sido fundamental para a legislação inicial da Transição democrática espanhola, para a concepção de casas-abrigo e para a conscientização do grande problema em Ceuta e Melilla, por exemplo. Além disto, a Oficina de Asilo y Refugio (OAR) do governo espanhol, instituída em 1992, nasce graças ao esforço de CEAR.

Atualmente, estima-se que haja entre 30 e 34 milhões de crianças deslocadas pelo mundo – um número efetivamente impressionante. Dados do ACNUR dão conta de que 40% das pessoas deslocadas no mundo são crianças.

Segundo Martuscelli (2017), os menores de 18 anos – conforme determinado pelo artigo 1º da Convenção das Nações Unidas sobre os direitos da Criança (1989) – “são atores dentro dos fluxos migratórios internacionais seja acompanhando seus familiares ou sozinhos tanto de maneira forçada como voluntária” (p. 78-79). Para discutir a ideia de crianças migrantes, Martuscelli usa a definição de Juffer (2016) como referência, que as entende como sujeitos precários que necessitam da assistência dos adultos, mas que, simultaneamente, são também capazes de manifestar as suas experiências e, em determinadas condições, tomar decisões, a partir das suas expressões (p. 96).

3 A literatura de potencial recepção infantil e a temática dos refugiados

Um primeiro aspeto a ser destacado no nosso estudo é a relevância da escolha dos livros a serem utilizados com as crianças/adolescentes independentemente serem ou não migrantes. Em primeiro lugar, enfatizamos a riqueza de trabalho os chamados livros ilustrados ou “picture story books”, em que a combinação estética das palavras e dos elementos visuais (ilustrações/projeto gráfico) produz significados a diferentes níveis, com potencialidade para abrirespaços para leitores diversos. O texto não é só a palavra, nos álbuns, existe uma linguagem dual, em que o texto é a soma de palavra com imagem, sendo que a riqueza textual é linguística e, ao mesmo tempo e indissolavelmente, gráfica, icónica. Os álbuns que selecionámos são visualmente apelativos, incitando a curiosidade e proporcionando uma narrativa coerente e completa, através da articulação entre palavra e imagem, que proporciona um equilíbrio no impacto das palavras quando se trata de temas fortes e emocionais como o caso da temática supracitada.

Petit (2013), ao analisar depoimentos de sujeitos com pouco acesso à cultura escrita, observa como jovens realizaram “deslocamentos”, reais ou metafóricos, a partir das leituras. Para a autora, a leitura “pode sacudir a representação que as crianças têm de si mesmas, da sua maneira de pensar, das suas relações com a família e com o grupo de pares e de pertença a uma cultura de origem, e evita às vezes que sejam reféns de uma representação estereotipada dessa cultura” (p. 114).

Desta forma, percebemos que os estudos e pesquisas com base na literatura de potencial recepção infantil, em especial no concernente ao tema dos refugiados, mostram a ativação de vários processos cognitivos e afetivos nos leitores, pois apela para a história de personagens marginalizadas.

Corroborando este aspeto, Petit (2018, p. 19) aponta que: “Leer [...] en contextos adversos y otros espacios emergentes puede servir para dar una profundidad simbólica, imaginaria y legendaria a lo que nos rodea, una profundidad desde la cual soñar, derivar, asociar, proyectar en lo cotidiano un poco de belleza, de fábulas, de historias. Sirve para armonizar, en el sentido musical del término, o para reconectar con el mundo que nos rodea al abrir otra dimensión”.

Por último, salientamos a importância de que as obras com as quais se trabalha em contexto escolar sejam consideradas como objetos estéticos e lúdicos, e não somente textos para aprendizagem formal ou para transmitir “mensagens” intencionais. A literatura, segundo Horácio (s. I a. C.), apresentava a intrínseca finalidade, natural e própria, de *delectare et prodesse*, delectare ser útil, de proveito. Usar e abusar da literatura com fins didáticos é uma prática que não defendemos.

Como sabemos, na prática, o acolhimento da diversidade ainda se coloca como um desafio a ser conquistado, com efeito vários são os exemplos de exclusão, racismo e rejeição do diferente na nossa sociedade. Contudo, essas pesquisas sobre leitura infantojuvenil e as conversas literárias, nos diferentes espaços, parecem-nos possibilitar pensar em como “el arte y la literatura, en todas sus formas [...] son apoyos importantes para revivir la capacidad de ensueño, de creatividad, de activación de símbolos, de construcción de significado” (PETIT, 2018, p. 20).

4 Migrantes e refugiados em quatro obras de literatura de potencial receção infantil

Para desenvolvermos a nossa análise, selecionámos quatro títulos publicados nos últimos anos em Portugal e em Espanha, cuja temática central é a da migração/exílio e cuja complexidade permite situá-los como passíveis de serem explorados com alunos do 1.º Ciclo do Ensino Básico e não só, porque esta temática em literatura ilustrada mostra um público alvo muito largo, habitual da literatura crossover. São álbuns nos quais se apresentam narrativas que trazem ao leitor-criança, tramas de vidas inscritas em violência ou em condições que levaram à decisão de migrar, a descrição das viagens dos migrantes e a forma como são recebidos pelos países que os “acolhem”.

Ao selecionar estas obras, pretendemos observar como, nas suas narrativas e através de variados recursos literários, a migração e o exílio são constituídos como questões atinentes aos direitos humanos.

O corpus textual selecionado consistiu nas obras:

A Viagem, de Francesca Sanna, publicado em 2018 pela editora Fábula.

Filas de sonhos, de Rita Sineiro e Laia Domènech, publicado em 2022 pela editora Akiara.

Podriás, de Joana Raspall e Ignasi Blanch, um texto originalmente de 1998, resgatado pela editora catalã Takatuka em 2017.

Gritos en la arena, escrito por Arturo Abad e ilustrado por Mónica Gutiérrez Serna em 2011 pela editora Narval.

A *viagem*, obra escrita e ilustrada pela italiana Francesca Sanna, foi editada em 2018 pela editora Fábula. Na contracapa da obra, um peritexto interpela o leitor: “Como deixar tudo para trás e viajar quilómetros rumo a um lugar estranho? Essa é a jornada de milhões de refugiados em redor do mundo”. A narrativa –feita em primeira pessoa, com textos verbais curtos e predominio de imagens– expõe, na perspetiva de uma criança, o arriscado e solitário caminho da família (mãe e dois filhos pequenos), que parte numa viagem com os dois filhos para fugir à guerra. Uma viagem carregada de medo do desconhecido, mas também de muita esperança. Este álbum aborda com sensibilidade a questão da guerra e dos refugiados, daí a contar com o apoio do Alto Comissariado para as Migrações (ACM) e da Amnistia Internacional (AI).

Na análise dos livros selecionados, observamos que o ato de migrar é recriado ficcionalmente a partir de uma abrupta rutura com um território com o qual as personagens têm ligações de pertença. Algumas histórias partem de uma situação inicial de tranquilidade, seguida de conflitos que culminam no ato de migrar. Assim, sob a perspetiva de um narrador-criança, a obra: *A viagem* inicia-se do seguinte modo: “Eu vivia com a minha família numa cidade perto do mar. Durante o verão, costumávamos ir à praia. Mas nunca mais fomos lá, pois, no ano passado, as nossas vidas mudaram para sempre... A guerra começou. Todos os dias, coisas más aconteciam à nossa volta e, em pouco tempo, não havia mais nada além do caos. Até que a guerra levou o meu pai. Desde então, tudo se tornou mais sombrio e a minha mãe ficou ainda mais preocupada” (Sanna, 2016, s/p).

Os espaços retratados nas ilustrações iniciais, coloridas e alegres, vão sendo inundados por uma espessa mancha preta, metaforizando o desenrolar da guerra, que, por fim, cobre toda a extensão das páginas, a partir do ponto em que se anuncia a morte do pai da personagem- narradora e a família decide emigrar.

O texto da obra *Filas de sonhos* (2022) começa assim: “O campo para onde nos trouxeram é como uma grande cidade de tendas. Tudo fica longe, há sempre muita gente pelo meio e nada se faz sem esperar numa longa fila. O pai não sabe, mas o que eu sonho mesmo, mesmo, é com uma fila que nos leve de volta para casa”. (Sineiro, 2022, p.5)

Com texto da escritora Rita Sineiro, este é um conto sobre a crise dos refugiados através do testemunho autodiegético de um menino fechado num campo de acolhimento, inspirado no pequeno Aylan Kurdi, o menino sírio-curdo de três anos cuja morte durante a viagem da Turquia para a Grécia, em 2015, se transformou num símbolo da tragédia dos refugiados do Médio Oriente. As ilustrações de Laia Domènech, em tons pastel, destacam-se pela sua grande beleza e pela contenção cromática e formal. Este é um álbum emotivo, profundo e terno, com toques de

humor e com um final comovente que nos ajuda a ver a crise dos refugiados a partir de dentro, com empatia.

A editora Takatuka é uma das mais conhecidas editoras catalãs de perfil social comprometido. Os seus álbuns ilustrados mostram um mundo insolidário, xenófobo e elitista sem ambiguidades, com uma perspetiva irónica que, de facto, deixa uma pegada própria. Em 2017 publicou um álbum que foi ao encontro de um poema de 1998 em catalão, pertencente a Joana Raspall. Trata-se, portanto, de uma recuperação de um texto prévio para o atrair ao mundo ilustrado com as serigrafias de Ignasi Blanch. *Podrías* é um texto que, através das antíteses entre as cores, as línguas, o dinheiro e outros, coloca ao leitor na possibilidade de viver bem ou mal, ser rico ou pobre, protegido ou refugiado: “vestidos tendrías / de saco o de seda, / zapatos de piel

/ o alpargata vieja” (Raspall&Blanch, 2017, s.p.). As cores primárias, com destaque em amarelo, verde e vermelho tornam-se mais escuras e agressivas, a preto, quando coloca ao leitor infantil e ao mediador adulto numa situação de empatia e solidariedade, mas de forma direta, mesmo acusadora: “Por todo esto, piensa / que importa tener / las manos abiertas / y acoger al que huye / de sangrientas guerras / y escapa al dolor / y a la cruel pobreza” (Raspall&Blanch, 2017, s.p.).

Em segundo lugar, *Gritos en la arena*, de Arturo Abad, ilustrado pela sempre delicada e perfeccionista Mónica Serna (2011), transporta-nos a uma mãe e uma filha de aparência árabe sujeitas à falta de liberdade, situadas numa guerra num deserto, um espaço certamente distópico, mas claramente vinculado com as guerras do Médio Oriente. Não só os refugiados que se encontram no deserto e não conseguem avançar, mas também toda uma maré de pessoas deslocadas das suas terras de origem: “Las dos caminaron hasta el final de las jaimas y contemplaron las orillas del mar de arena. Había más personas a su alrededor. Algunos conocidos, otros, viajeros de lugares lejanos” (Abad & Gutiérrez Serna, 2011, s. p.). O texto provavelmente foi inspirado pelas revoltas da Primavera árabe entre 2011 e 2012 e manifesta um canto de esperança onde os gritos na areia, pelo deserto, clamam a liberdade, a paz e a terra, como é evidente no final do álbum: “Entre su pelo baila una esperanza que casi recuerda a la alegría. Mañana, volverá al desierto” (Abad & Gutiérrez Serna, 2011, s. p.).

Nas obras citadas vemos que o abandono do país de origem se dá em virtude de guerras ou conflitos, da ação violenta de grupos opressores ou ainda, do desemprego e da precariedade de condições de vida. São, portanto, destacados certos contextos de violações de direitos humanos e, em especial, dos direitos das crianças. A situação de risco para a segurança familiar parece ser a razão comum para que os personagens empreendam a viagem em busca de outras condições de vida, em lugares distantes.

As narrativas analisadas presentificam os perigos enfrentados em jornadas cruelmente reais, em que famílias nucleares seguem sozinhas ou em grupos, em condições precárias e/ou na clandestinidade. Ainda assim, os acontecimentos são recriados com delicadeza por imagens ou metáforas enunciadas pelo olhar narrativo de uma criança. No entanto, existe um apelo mais direto, mais comprometido que, com cores escuras e textos duros, chamam à empatia, fraternidade e afeição da criança.

Há ações cuja referência é comum a mais de uma obra e, nelas, recriam-se os perigos da travessia (às escondidas) feita pelas personagens. A título de exemplo, em *A viagem*, a partida é marcada pela figura da mãe, mostrando um livro com imagens de um país distante e diferente, indicativo do planeamento de um destino. No percurso, a família leva inicialmente uma grande quantidade de malas e viaja “por muitos dias”, passando de um veículo para outro. O narrador informa: “quanto mais nos distanciávamos... mais coisas iam ficando para trás” e, simultaneamente, as imagens mostram a família com sucessiva diminuição de pertences e em veículos cada vez mais precários, até a chegada à fronteira. O desafio de escapar de guardas armados e de atravessar o muro dialoga com as histórias dos migrantes contemporâneos. A viagem segue pelo mar, num bote frágil e sobrelotado e, depois, num comboio. O desfecho da narrativa é aberto, com a liberdade conquistada representada metaforicamente por imagens de aves migratórias. No final, o narrador-criança enuncia o desejo: “Espero, um dia, como esses pássaros, que consigamos encontrar um novo lar. Um lar onde possamos ficar seguros e recomeçar a nossa história” (Sanna, 2016, s/p). Também em *Gritos en la arena*, a muralha simbólica do deserto tenta ser ultrapassada cada dia pela mãe e pela filha, assim como por todos os deslocados pela guerra.

5 Considerações Finais

As narrativas dos livros analisados, defendem, de forma subtil, os direitos dos refugiados e exilados –o direito ao acolhimento, o direito de acesso à escola com condições de acessibilidade comunicativa e considerando as diferenças culturais e linguísticas, o direito ao trabalho, à liberdade, entre outros princípios que, de certo modo, se concretizam em alguns desfechos das obras supracitadas. Mas a violação de tais princípios também pode ser exemplificada nas narrativas, através situações nas quais são evidenciados: o desrespeito aos direitos humanos –os contextos de guerra e violência do país de origem, a exploração sofrida ao longo do caminho, o desconforto e o medo nas travessias clandestinas, a precariedade das condições de vida no país de destino.

Já a análise das obras de literatura selecionadas possibilitou entender como, através de variados recursos estéticos, a migração e o exílio são considerados questões atinentes aos direitos humanos. O tema enuncia-se, quer em peritextos que situam e contextualizam a inspiração para as histórias, quer na narrativa central, em textos e imagens que constituem enredos ficcionais sobre migrantes ou exilados, inspirados em grande medida na escuta de pessoas em tal condição.

A nossa análise debruçou-se especialmente sobre a forma como as obras apresentam os lugares de origem das personagens, as razões para a decisão de migrar; os percursos migratórios, os seus perigos, desconfortos e tensões e, por fim, a forma como tratam elementos dos processos de adaptação dos personagens (migrantes/refugiados) aos países de destino.

Secundamos outros pesquisadores que defendem que as obras de literatura de potencial recepção infantil podem operar uma abertura para a diferença que não signifique apenas o reconhecimento de que existem muitas línguas, culturas, histórias, memórias, formas de existir e de (re)existir no mundo, mas que inclua o respeito pelos direitos à vida, à integridade física, à segurança, à liberdade. Especificamente em relação aos direitos das crianças, a leitura de livros de literatura com personagens crianças migrantes/refugiadas pode colaborar para que se reconheça que são vitais para elas a proteção contra a violência, negligência e o direito à assistência humanitária adequada e a um ambiente acolhedor, conforme os Artigos 13, 19 e 22 da Convenção dos Direitos da Criança da ONU.

Talvez, através de histórias de viagens nem sempre sonhadas, desejadas e planificadas se possa promover nas novas gerações empatia para com as pessoas de diferentes nacionalidades que migram ou se refugiam nesta “jangada de pedra” que é a Península ibérica.

Referências

- Abad, A & Gutiérrez Serna, M. (2011). *Gritos en la arena*. Madrid: Narval.
- Ainsa, F. (2012). Pasajeros en tránsito. *Palabras nómadas: Nueva cartografía de la pertenencia*. Frankfurt a. M., Madrid: Vervuert Verlagsgesellschaft, 77-101.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados (ACNUR). Dados sobre Refugiados. 2022. Acedido a 15.05. 2023. Disponível em: <https://url.gratis/w8Q2n>.
- Alto Comissariado das Nações Unidas para os refugiados (ACNUR). Refugiado ou migrante? O ACNUR incentiva a usar o termo correto. 2015. Acedido a: 15.05. 2023. Disponível em: <https://url.gratis/4Juew>
- Assembleia Geral da ONU. (1948). Declaração Universal dos Direitos Humanos (217 [III] A). Paris. Acedido a 15.05. 2023. Disponível em: <https://url.gratis/mXJkJ>.
- Colomer, T. (2016). La literatura que acoge: un proyecto de investigación en las aulas. In FITTIPALDI, M. (coord.). *La literatura que acoge: inmigración y lectura de álbumes*. Barcelona: Banco del Libro (pp.103-10).
- Dehoux, A. & Durante, E. (2019). Fictionalising les dérives de la globalisation / Fictionalizing Dark Sides of Globalization: Introduction. *The Canadian Review of Comparative Literature*, vol 46, nº 1, 7-13.
- Glissant, É., Gilles, Y. & Bertelli, F. (2016). Conversation sur la mondialisation. *Chimères*, 90,32-44. <https://doi.org/10.3917/chime.090.0032>.
- Guillén, C. (1998). Mundos en formación: Los comienzos de las literaturas nacionales. In *Múltiples moradas. Ensayo de Literatura Comparada*. Barcelona: Tusquets, 299-335.

Martuscelli, P. N. (2017). Crianças desacompanhadas na América Latina: reflexões iniciais sobre a situação na América Central. *Revista Interdisciplinar de Direitos Humanos*. Bauru, v. 5, n. 1, p. 77-96, jan./ jun.

Moura, J-M. (2016). D'un sous-ensemble de la littérature mondiale: Les lettres transatlantiques. *The Canadian Review of Comparative Literature*, vol 43, nº 16, 406-413.

Petit, M. (2018). Transfigurar el horror en beleza. In Secretaría de Cultura/DGP. Para leer en contextos adversos y otros espacios emergentes. México: Dirección General de Publicaciones.

Raspall, J. & Blanch, I. (2017). *Podrías*. Barcelona: Takatuka.Sanna,

F. (2018). *A Viagem*. Editora Fábula.

Sineiro, R. e Domènech, L. (2022). *Filas de sonhos*. Editora Akiara.